

4ª PARTE

PROSA DE FICÇÃO

Determinismo

Giselda Medeiros

Uma profusão de sentimentos caiu sobre ela, quando procurava deixar aquele excêntrico recinto. Cântaro vazio. Borrasca. É verdade que sempre procurara desvendar, com obstinação, aquela história. Meu Deus, mas a que preço!

Encolhe-se de vergonha. Ninguém poderia vê-la sair dali, àquelas horas. O que pensariam dela?! Em verdade, vez por outra, batia-lhe uma sensação de felicidade. E dava vontade de cantar, de gritar “eureka!”

Sabia, no entanto, que seria difícil assumir o resultado de sua busca. E, aí, atacava-lhe uma avalanche de tristeza. Afinal – pensava – a vida é uma caixa de surpresas e não a abrimos senão quando determinado... e ia mastigando vários conceitos filosóficos que vira na faculdade. Tem razão Jean Paul Sartre: “o homem é dor”, e através dela é que crescemos verticalmente, em busca da tão propalada auto-transcendência...

E vai sendo fustigada cada vez mais por Marcel: “é nos estados de inquietação e de angústia que o homem descobre a ruptura e a contradição entre o que é de fato e o que aspira ser”. E aquela situação que experimentava era um exemplo concreto disso tudo. “A dor é a ausência do prazer”. Mas ela estava também feliz (?). Não realizara o que há muito desejava?! Ah, vida, vida, não te entendo!

De repente, estreita-se atrás de alguém. É ele? Não! Não pode ser! (meu Deus! Ufa! Que susto!) Suor, tremor de pernas, braços e mãos. Que situação difícil! Resmunga. Que faço? Que faço?! Renunciar ao que sempre busquei? Perder o noivo (o casamento estava marcado para o próximo mês). Trair o amor, a compreensão, o desvelo dos que a criaram? Renunciar a uma vida decente? E se trouxesse no sangue a tara hereditária?! Não se luta contra as forças da natureza! Um dia, ela emerge, dominadora, tal a força de um furacão quando sai arrastando, devastando tudo até cessarem suas leis imutáveis. É essa força que nos domina e encanta, persuasivamente, ante às quais

somos simples insetos, magnetizados pela força, até sermos tragados, reconduzidos à nossa condição de matéria em repouso, nivelados pela morte, em sua "imagem de embriaguez dionisíaca".

Eulália sente que seus dias futuros serão uma incessante tormenta. Aquela descoberta, aquele encontro tão ansiado haviam-na mudado. Certamente, não seria mais a mesma professorinha do "tudo bem", "está certo", "sim, vocês têm razão", "sim, eu caso com você, meu amor".

A fisionomia da mulher que fora visitar mexe com seu juízo. Entra alma adentro. Sente nela a mesma força de coerção, arrastando-a (para onde ainda não sabia). Mas havia tanta ternura naquele olhar... E o beijo fora carinhoso. Sim, o beijo queimara-lhe a tez alva e lisa, bem tratada pelos bons e caros cremes e loções. É o determinismo! Não há explicação para tal.

Um corre-corre repentino assusta-a. Divagações mais nenhuma. Que é isso, meu Deus, logo agora que já estava tão perto do fim... Fecham-se rápidas as portas.

"Ninguém sai! Todos ali, de frente para a parede!"

Ninguém se mexe, apenas entreolham-se assustados, medrosos de si e dos outros. As escadarias são passarelas de homens e mulheres seminus, descendo-as sob a escolta de policiais.

Eulália apavora-se. Sente por si e pela mulher do encontro. Onde estaria ela? Procura-a, movida por uma força dominadora, por uma força de cumplicidade, de laços. Não vê por ali aqueles olhos detonadores de ternura no momento do abraço.

"Todos com a identidade na mão!"

"Enfim, eis os donos dessa espelunca!"

Eulália é toda chamuscada. Nem a erupção vesuviana poderia lançar tantas lavas! Petrificada, ela vê a mãe (que acabara de conhecer) e o noivo, à sua frente. Proprietários! Estertor, mudez... mas o olhar deles acabou dizendo tudo que suas bocas não ousaram dizer!

No outro dia, no outro, e em muitos outros, Eulália esteve lá. Estava determinado, não podia fugir!